

O DOMINGO.

SEMANARIO CRITICO E LITTERARIO.

AS ASSIGNATURAS SÃO PAGAS ADIANTADAS.

Editor e proprietario A. Azevedo.

ANNO II.

Este jornal publica-se aos domingos—Assigna-se, a 2000 por trimestre, na typographia do *Paiz*, Largo de Palacio n. 17.

NUMERO 7.

O DOMINGO.

MARANHÃO, 23 DE FEVEREIRO DE 1873.

O Carnaval.

Estamos em pleno carnaval.

Ridendo castigat mores!

Este antigo annexim é hoje lembrado pela população.

A estas horas os *espirituosos* da época apromptam vestuários caricatos, que provoquem as gargalhadas do proximo; os namorados alugam costumes ao Sr. Germano, para offerecerem *bouquets* ás respectivas namoradas; alguns estudam trechos *espirituosos* para debicar, outros para agradecer, outros, enfim, para fazerem-se cavalheiros de triste figura, não dispensando nunca o classico—*Você me conhece?*—, de um emprego redundante e fastidioso.

No Maranhão o carnaval é considerado de uma maneira, á bem dizer, impropria de um povo civilisado, o que nos presamos ser e o que não é de certo uma pretensão pedantesca e baírrista, como desejam algures, mesmo na vizinhança, roídos

FOLHETIM DO DOMINGO.

O mestre-eschola.

por

PAULO DE KOCK.

(trad. por A. A.)

(Via o n. 6.)

Pouco tempo depois, uma viúva de quarenta annos, chamada a Sra. Dubois, comprou uma bonita casa de campo, situada entre Couberon e Montfermeil. Tinha sido casada com um rico negociante, não tinha filhos e possuía quinze mil francos de renda. Esta Sra., que havia sido cuidadosamente educada em um dos pensionatos de Paris, havia casado apenas para satisfazer o desejo de seus paes, pois que, como julgava-se nascida para as letras e para a gloria, quizera trazer o nome de um homem de génio; assim pois, depois da morte de seu marido, a Sra. Dubois abandonára o commercio e entregara-se completamente ao seu gosto pela litteratura.

Ella passava repetidas vezes nos bosques de Couberon, seguida por uma creada grave. Ouvia e via sempre perorar o Sr. Mathias aos pay-

—talvez—pela inveja ou convictos pelo orgulho de serem mais favorecidos pelos beneficios naturaes.

É raro, na nossa terra, o mascarado que saiba que papel linge representar nessa sociedade estranha e ephemera, que se figura organizar nas tardes da quinquagesima.

Perguntae a um desses bobos e farcis-tas o que elle é, que vos responderá com a maior ingenuidade deste mundo, e até do outro,—*Não sei!*

Estamos em uma terra pequena, onde Fulano sabe de *côr e saltado* a biographia de Beltrano, por isso que o mascarado, que se diz *espirituoso*, aproveita-se do seu disfarce para insultar o proximo e trazer á pulha verdades que não se dizem.

Não negamos que o carnaval pôde pôr em pratica o annexim latino que escrevemos no principio deste artigo: a sua critica, porém, não deve, por amor da propria dignidade do homem disfarçado, individualisar alguém; porque o que se prevalece do carnaval para vingarse de uma injúria, é covarde, e o que o faz para in-

sanos e parava para escantalo. Surprehendida por ver que da bocca de um homeminho, que nada mais tinha que um casaco muito safado, saíam tantas *coisas bonitas*, informou-se delle e soube então ser o mestre-eschola de Couberon.

De seu lado, o Sr. Mathias notára na presença dessa Sra., que parecia gostar tanto do ouvido. Ella não tinha nada de feia; mas o mestre-eschola dava pouco apreço á belleza; orgulhava-se de ver que captivara a attenção de uma coxezan.

É costume no campo entuprirentarem-se todos, descobriam-se embora; parece que ha mais polidez e mais amizade no meio das simples produções da natureza. O Sr. Mathias saudou a Sra. Dubois, e esta retribuiu-lhe a deliezenza. Saudar-se muitas vezes, é quasi fazer conhecimento.

Um dia a Sra. Dubois passejava ás margens do pequeno lago de Couberon, para o qual parecia olhar com prazer; o Sr. Mathias aproximou-se e aventurou dizer-lhe:

—Isto nada valle, comparado com os lindos lagos da Escocchia, sobretudo o de Laumond, onde fluctuam bellas illas.

jurar e estigmatizar grosseiramente a quem nunca o offendeu, é de mau caracter.

Que se estigmatise o que offendeu á moralidade publica, ou cousa semelhante, concordo, porque são questões essas que se entendem com todos que as presam, questões inteiramente despidas de caracter particular, que actuaõ õcho franco fóra dos penates de quem as pratica, e que servem de assumpto ás conversações das *portas*, ou á molinas de jornaes.

Geralmente fallando, ha por ali *conselhos* que podem ser criticadas, sem escrupulos:

Vós, que desejaes divertir e divertir-vos, lancaõ os olhos e criticaõ o commercio, a layoura, a imprensa e sobretudo os escandalos da escandalosa politica, e dos escandalosíssimos exames publicos, etc.

Si assim fizerdes, poreis em pratica o verdadeiro *ridendo castigat mores*.

Pedro e Camilla.

(Trad. de Alfred de Musset).

(Continuado de n. 6.)

1

O termo preíxo pela naturéza comple-

—«Illas fluctuantes, Sr.? com effeito! é preciso que sejam de muita pequena dimensão!...

—«Pelo contrario, minha Sra., são consideraveis, tem florestas, bosques, castellos...

—«E tudo isso fluctua?... É maravilhoso!...

—«A natureza é fecunda em maravilhas, que são ignoradas por quem não as estuda. Bastaria apenas aprender um pouco de *géomancia*, d'*hydromancia*, de *pyromancia*, d'*astrologia*, e de *botanomancia*, para conhecer o que escapa aos olhos do vulgo.

—«Ah! Sr.! bem feliz será quem souber tudo isso; mas... ai, meu Dens! Ui!...

—A Sra. Dubois soltára um grito e empalidicára, porque um grande sapo lhe havia saltado aos pés. Para reanimar-se, foi obrigada a sentar-se, o que fez, dizendo ao Sr. Mathias:

—«Devo-lhe ter parecido bem ridicula, não é assim?

—«Porque, minha Sra.?

—«Porque não posso ver um sapo sem achar-me mal! Tenho um horror aos sapos!

—«Sento pelos sapos uma antipathia, que não depende, certamente, de sua vontade; nada vejo

tou-se: nasceu uma criança bella como o dia. Era uma filha, a quem chamáramos Camilla. Apesar do uso geral, e mesmo contra o parecer dos medicos, Cecilia quiz mesmo amamentar a filha. Seu orgulho de mãe se via de tal modo lisongeado com a belleza da filha, que lhe foi impossivel separar-se d'ella; é verdade que raras vezes se tinha visto em uma creança ha pouco nascida traços tão regulares e tão notaveis; os olhos, sobretudo, desde que se abrirão á luz, brilhávão de um modo extraordinario. Cecilia, educada em convento, era extremamente piedosa. Logo que se poudo levantar, seus passos a levarão ao templo para render graças ao Senhor.

Entretanto a criança começava a desenvolver-se. A medula que ella crescia, causava surpresa vê-la guardar uma estranha immobildade. Nenhum ruído parecia feril-a; ella era insensível a estes pequenos discursos com que as mães entretêm seus filhos; enquanto cantávão, embalando-a, ella ficava com os olhos abertos e immoveis, olhando fixamente a luz da lampada sem parecer ouvir. Um dia ella dormia e a creada debruçou um moel: a mãe acudio pressurosa, mas viu com espanto que a criança continuava adormecida. O cavalheiro temia estes indícios, por demais evidentes para que elle se podesse enganar. Desde que os observou com attenção, comprehendeu á que desgraça estava reservada sua filha. A mãe quiz em vão enganar-se, e, por todos os meios ao seu alcance, procurou desvanecer as

aprehensões de seu marido. Chamando o medico, não foi longo nem difficil o exame. Reconheceo-se que a pobre Camilla era surda, e por consequencia muda.

II

O primeiro cuidado da pobre mãe foi indagar se o mal era incuravel; responderão-lhe que havia exemplo de cura. Apesar da evidencia, ella alimentou uma esperanza, que foi preciso renunciar, quando se esgotávão todos os recursos da sciencia.

Infelizmente, n'esta epocha, em que tantos absurdos forão destruidos, ainda subsistia um, bastante inclemente contra estas desditosas creaturas, a quem chamamos surdos-mudos. Espíritos nobres, sabios distinctos, ou homens somente impellido por um sentimento piedoso haviam, é verdade, ha muito tempo, protestado contra tal barbarismo. Foi um mengo hespanhol o primeiro que, no seculo 10.^o, concebeo e ensinou o trabalho, até então acreditado impossivel, de dar falla aos mudos. Seu exemplo foi seguido successivamente na Italia, na Inglaterra e em França; Bonnet, Wallis, Bolwar, Van Helmont, publicávão obras importantes, cujo resultado não correspondeo á sua boa intenção; poucos beneficios produzirão aqui ou acolá, desconhecidos do mundo, quasi ao acaso, e sem fruto algum. Por toda a parte, mesmo em Paris, no seio da mais adelantada civilização, os surdos-mudos eram olhados como uma especie de seres a parte, sellados com a marca da colera celeste. A elles, que não tinham a pala-

bra, recusávão-lhes o pensamento. O claustro para os que nascião ricos, e o abandono para os pobres, tal era sua sorte; elles inspirávão mais horror que piedade.

O cavalheiro a pouco e pouco cahio em profundo pesar. Elle passava a maior parte do dia encerrado em seu gabinete ou passeinado na floresta. **S**ua via sua mulher, procurava mostrar um rosto sereno e tentava consolá-la, mas em vão.

De seu lado, Mme. d'Arcis estava tambem triste. Uma desgraça merecida faz derramar lagrimas, quasi sempre tardias e inuteis; porem a que fere sem motivo acabrunha a razão e desarma a piedade.

Estes recém-casados, feitos para se amar, e que se amávão, começaram-se então a verem-se á custo e evitarém-se naquelles mesmos caminhos em que d'antes fallávão de uma esperanza proxima, tranquilla e pura. O cavalheiro, excitando-se voluntariamente no campo, só pensara no repouso e a felicidade o fora ali surprehender. M.^{me} d'Arcis fizesera um casamento de conveniencia e seguio-se um amor reciproco. Um obstaculo terrivel interpunha-se entre elles, e este obstaculo era precisamente o que, para elles, devia ser um laço sagrado.

O que causou esta separação subita e tacita, mais terrivel que o divórcio, mais cruel que a morte lenta, é que a mãe, a despeito da desgraça, amava sua filha apaixonadamente, ao passo que o cavalheiro, por mais que fizesse, mesmo apesar de sua bondade e paciencia, não podia vencer o horror que lhe causava esta maldição de Deus cahida sobre sua cabeça.

nelle que passa horrível-a. Muitos personagens celebres têm tido fraquezas semelhantes: o duque d'Eproun desmaiava se via uma labre; Henrique III não podia ficar só n'um quarto onde estivesse um gato; o marechal d'Albret encommodava-se em um haquetto si via um leitão assado; Uladislau, rei da Polonia, mudava de côr e fugia á vista das maçãs; Sculiger estremeia si lhe apresentavam agrião; o chancelier Bacon estava de cama sempre que havia um eclipse da lua. É longo, muito longa, minha Sra., a lista dos grandes personagens que tiveram fraquezas, antipathias e superstições.

«—Estou mais consolada, Sr., e menos envergonhada de ter tido medo do sapo. Não me dirá, porem, qual é a causa desta aversão, que se sente, pelos objectos que, muitas vezes, nada têm de desagradaveis á vista? Não fallo destes horríveis sapos... porem maçãs, agrião... isso não é...»

«—Senhora, si antes de comermos caranguejos e lagostas, soubessemos a razão porque mudam de côr, do ensinar-se-os, talvez não os comessemos... Ha casos, minha Sra., diante dos quaes a sciencia deve humilhar-se.

*—Mas não poderia eu ter muita força em minha alma, para triumphar de uma fraqueza, que reconheço ser tal?

«—A principio, minha Sra., seria necessario conhecer si essa força devia provir da alma ou do espirito. *Parmênio* diz que a alma é o fogo; *Anaximandro* sustenta que é a agua; *Zenão* compõe-na da quinta essencia dos quatro elementos; *Hippocrato* faz della um fino espirito; *Heraclito* não vê nella mais que luz; *Xenocrato* um ajuntamento; *Thales* uma substancia sempre flexiva e *Aristoteles* uma entelechia, *Hippocrato* colloca-a no ventrículo esquerdo do coração, *Erasistrato* na membrana que cobre os miollos; *Strabon* entre as sobrancelhas; *Platão* divide-a em tres partes: a razão no cerebro, a colera no peito e os desejos nas entranhas; enfim, segundo *Malebranche*, não conhecemos a alma si não pela consciencia, e não podemos fazer ideia do que ella é.

A Sra. Dubois, que escutára attentamente, não cousava mais fallar: arrebatara-a o discurso; desaparecera a seus olhos o casaco safado do professor, que lhe parecia maior. A sapiencia do Sr. Mathias enlevava-a.

Faram-se succedendo estes encontros; mais familiarizados, a Srs. Dubois conviõo o a ir visitá-la em sua casa de campo. Amindaram se as visitas do Sr. Mathias, pois a sociedade da Sra. Dubois agradara-lhe mais que as dos rusticos habitantes de Couléron.

Ao fim de alguns mezes, a viuva, sempre encantada do Sr. Mathias, offerreo-lhe francamente sua mão e sua fortuna; e desta vez o sábio não respondeu á esta proposta como á de João-Gordo.

«—Não sou bonita, disse ella, mas tenho fortuna, e desejo partilhá-la com um homem do seu merecimento.

«—A fortuna e a belleza não se fizeram para mim; a fortuna é apenas uma convenção! Não quero uma estúpida que tenha milhões. Quanto a fealdade, não a conheço quando ha espirito. Sócrates era feio; Pelisson e mademoiselle Scudéri não eram bellos; Horacio era barrigudo; Annibal era zarollo; Cicero tinha uma verruga na ponta do nariz; Sapho era muito baixinha e Cleopatra vermelha. A materia passa, o espirito fica.

E casaram-se.

(Continúa).

— Será então possível que odeio minha filha? pensava elle em seus isolados passiosos. E' ella culpada para tal-a ferida a colera celeste? Não devia eu unicamente lastimá-la, procurar diminuir a dôr da minha mulher, occultar o que soffro, velar sobre minha filha? Que triste existencia lhe estará destinada, si eu, seu pae, a abandonar! o que será della? Deus deu-m'a assim; cabe-me resignar. Quem cuidará n'ella? quem a educará? quem a protegerá? No mundo ella só tem seus paes; não achará um marido; não terá um irmão; é mais uma desgraçada que a Providencia atira ao mundo. Sob pena de abjurar os sentimentos do meu coração, eu sinto que devo consagrar minha vida á fazer-lhe supportar a sua.

E o cavalheiro entrava em casa resolvido á cumprir seus deveres de pae e de marido; si achava sua filha nos braços de sua mulher, elle ajoelhava-se ao pé d'ellas, tomava as mãos de Cecilia e dizia-lhe que ia mandar vir um celebre medico de que lhe haviam fallado e que não se devia perder as esperanças, em vista das curas maravilhosas de que havia exemplo. Então elle tomava a creança e passeava na camara com ella nos braços; em breve porém o assaltavam de novo medonhos pensamentos; á vista deste ser imperfecto, cujos sentidos o silencio prendia, a lembrança do futuro, a reprovação, o desgosto, a piedade, o desprezo do mundo, o aniquillavão. Elle empallidecia, suas mãos tremulas não podião mais sustentar a creança que elle entregava á mãe, occultando as lagrimas.

Era n'esses momentos que Mme. d'Arcis conchegava sua filha ao coração com uma especie de ternura desesperada, cobrindo-a com o olhar das mãos, o mais violento e o mais activo de todos.

Nunca se lhe ouvia uma queixa; ella recolhia-se depois á camara, depunha Camilla em seu berço e passava horas inteiras á contemplá-la, muda como ella.

Esta sobria exaltação subia á tal ponto, que via-se Mme. d'Arcis guardar durante muitos dias absoluto silencio. Em vão a interpellavão. Parecia que ella desejava experimentar essa noite de espirito em que sua filha devia viver.

Só ella sabia fazer-se comprehender pela creança por meio de signaes. As mãis pessoas de casa, até mesmo o cavalheiro, parecião estranhos á Camilla. A mãe de Mme. d'Arcis, mulher de espirito vulgar, não vinha á Chardonneux senão para deplorar a desgraça sobrevinda á seu genro e á sua chara Cecilia. Crendo dar

provas de sensibilidade, ella se apiedava sem cessar da triste sorte da infeliz menina, e um dia aconteceu-lhe dizer:— Melhor seria que ella não houvesse nascido. E' o que teríeis feito si eu fosse assim? replicou Cecilia quasi encolerizada.

(Continúa.)

Augusto Gabriel.

A missa do gallo.

Repica o sino da aldeia,
Trão o fegusto no ar!
O rio geme na areia,
Na areia brilha o luar.
Quantas vozes, que alegria!
O povo da fogueira
Corre em chusmas, folgasão
No caminho areos de flôres,
Por toda parte cantores,
Folgaentos e agitados!

Alli no largo da ermida
O tambor toca festivo,
Se aginha o povo em redor,
E a igrejainha garrida,
Tendo de frente um cruceiro,
E' toda luz e fulgor!

Vêm do monte umas devotas,
Trazem o rosario na mão;
Uns camponozes janotas,
Calças por dentro das botas,
Seguindo o grupo lá vão!
Que raparigas formosas,
Cheias de rendas e rosas
A ladeira vão subir!
Falam cousas tão suaves,
Parece gorgéio de aves
O que ellas dizem a sorrir!

A brisa sopra fogueira,
Brincando na jussareira
E vai o rio enregar:
Chegão de longa canoas,
Os barqueiros cossam as lóas,
Que modulavam a remar!

O sino da freguezia,
Da branca igreja da aldeia,
Cada vez repica mais;
O povo corre á porfia,
A capella já está cheia,
Soam threnas festivas!

Porque produz tanto abalo
Esta festa sem rival?
E' hoje a missa do gallo,
Santa missa do Natal!

Este festejo tão lindo
Que grande mysterio encerra!
Poema de amor infinito
Que o céu ensinou á terra!
Faz-se humano o ente divino,
O Eterno se faz menino,
Vem viver entre os mortaes!
Lei christã, santa e formosa,
Salvo, creança magestosa,
Qu'eu recebi de meus paes!

Na palheça illuminada,
Que fica junto da ermida,
Dêz que a missa foi cantada
Se congrega a multidão;
Talho da murta florida,
Flôres de magico aroma
Ornam o presepe, que toma
Na sala grande extensão,

Quão lindo está! Não lhe falta
Nem o astro milagroso,
Que de repente brilhou;
Nem o gallo, que o reponso
Deixara por noite alta,
E que inspirado cantou!

Tudo o que a lenda memora
E consagra a tradição,
Vê-se alli, gross-eiro embora,
Despido de perfeição.

Cêo de estrelinhas douradas,
Estrelas de papelão;
Branças nuvens fabricadas
Da plumagem do algodão!
Anjos soltos pelos ares,
Peixes sahindo dos mares,
Féras chegando d'além,
Marcha tudo, e vem na frente
Os reis magos do Oriente
Em demanda de Belem!

E' esta a Lapa: o menino
Nas palhas está deitado,
C'um sorriso de alegria,
Todo dogora e amor!
Contemplam o quadro divino
S. José ajoelhado,
E a Santissima Maria,
De Jericó meiga flor!

Trajando risónhas côres,
Com muitos laços de fitas,
Rapazes, moças bonitas
Formam grupos de pastores.

Que curiosos bailados,
Com maracás e pandeiros!

E o ruído dos cajados
Desses risinhosromeiros!

Essa quadrilha dansante,
Cantando versos festivos,
Aos pés do celesste infante
Vai depôr seus donativos;

Fructas doces, sazoadas,
Ramilhetes de assorenas;
Cêra, pelles delicadas,
Pombinhos de brancas pennas.

São as joias qu'os pastores
Dão ao Deus Omnipotente!
E o povo applaude os cantores
E o espectáculo innocente.

Eis o presepe singelo
Da devoção popular;
Oratorio alegre e bello,
Sagrado, risinho altar!

Que noite, que madrugada!
A familia reunida,
Uma festa em cada lar!
Quanta saudade esquecida,
Quanta tristeza apagada
Só co'um sorriso, um olhar!

Na terra tanta alegria,
Tanta paz celestial!
Que dia, que lindo dia!
Festa santa do Natal!

JOAQUIM SERNA.

(Dos Quadros.)

Soneto.

(Allusão).

Fui ha tempos á um baile mascarado,
Vestido de arlequin—com masc'ra lateira,
Tomendo descobrir a tal melgoinha
Á quem se achava lá, pois seu casado....

Passeiava no salão de braço dado
A' uma bella—judia—feiteiceira,
Bella—digo eu—pois a facceira
Depois mostron-me a cara e... obrigado!

Convido-a á uma ceia. E ella acceita:
—«Eu acceito hoje tudo o que me der!»
Diz ella com a voz sempre contrafeita.

Doido por conhecer a minha *Esther*,
Tiroi, subtil, a masc'ra á tal sujeita,
E eu reconheci... minha mulher...!

1871.

A. A.

CHRONICA.

Eu não me queixo mais aos leitores por falta de assumpto para dar cumprimento á minha missão de chronista; tenho conhecido que tal desculpa é uma desculpa que se vai tornando indesculpavel, e que, em taes circumstancias, o melhor alvitre a tomar é contar-lhes quatro historias por altas novidades, dizendo-lhes que as *categorias de Kant* nem por isso são menos apreciaveis que as *theorias de Malebranche*, ou outras baforadas semelhantes.

Assim arrota-se erudição e illude-se o leitor, que fica suppellido por isto, que eu conheço perfeitamente *os bens e males que cá fizeram* esses defuntos Srs., com os quaes nunca entretive relações, e vou escrevendo palavras que, embora redundem n'uma formidavel estopada, servem sempre para encher papel, que é o meu *desideratum*, e si o leitor suppõe que outro motivo me guia a penna, desde já lhe declaro para os devidos effeitos, que está completamente enganado.

Que me importa o mundo? não pensemos n'elle, e elle se esquecerá de nós. Isto disse um tólo, e si en o repito agora, não é porque tenha mais juízo.

Não temos visto tantas couzas extraordinarias?

Não vimos no domingo passado a *Brisa* soprar-nos os ouvidos com seu pensamento abstruso? Não nos disse ella que eu me occupei de um assumpto indecente, embora natural e verdadeiro?...

Mas eu acho toda a razão no illustre collega, porque, n'um tempo destes—arido inteiramente de evoluções sérias e burlescas, que diabo ha dizer um chronista sinão muita asneira?

Eu bem trabalho para as não dizer tambem; é me, porem, isso impossivel, porque, quanto mais me esforço para repre-

sal-as, agora é que ellas escorregam pela penna abaixo, e depois d'ellas nos bicos não ha contel-as, porque então ainda sabem mais sandias.

Isto de *sandias* é palavra grega, mas muito applicavel á certos e determinados vultos, que andam por ali feitos pavões com as pennas roubadas a celebre gallia.

Haja vista aquelle meu amigo do *musculo deço*, que não hezitou em furtar ao primeiro romancista portuguez aquella bella expressão para estragal-a com a sua frandulage palavrosa, copia irrecusavel do mais requintado pedantismo.

Eu não sei si este Sr. conhece Plutarco; mas, conheça ou não, sempre lhe direi pela bocca deste philosopho o que se segue:—«As creanças devem ser nas suas palavras, nos seus gestos, nas suas acções, a copia dos homens; e ai das que os querem exceder em tenra idade, porque, em geral, tornam-se mãos homens e más creanças.»

Não digo que este Sr. se torne má creança em querer exceder os homens, mas tóla já eu a considero, não por estas bagatellas que nada valem, e que são proprias da sua inexperiencia, porem pelas suas parvoicadas, que é preciso combater.

Divagando, divagando, tenho vindo por aqui abaixo sem saber como, e não páro já, porque quero dizer aos meus leitores, que o carnaval bate-nos á porta, e que os *quisos e atabales da Loucura*, de que nos falla o festejado *Pietro de Castellamare*, comegam a aturdir-nos os ouvidos com os seus alegres rumores.

Para não commetter um grave pleonasmo, não lhes direi que ha bailes de mascarar hoje o terça-feira, e que nelles serão celebrados com grande estrondo estes dias de folguedo, destinados, desde remotas éras, ás mais desenfeidadas patuscadas.

Com isto dou por cumprida a minha missão, e despeço-me dos leitores, pedindo-lhes que se divirtam e pondo aqui ponto final.

Eloy, o heroy.